

Mote: «A liberdade hoje, manas, é a persistência do riso de quem aguentá-lo pode sem esgar»

O isento exercício pendular do riso

Jorge Fernandes da Silveira

UFRJ, CNPq

Não preguemos, pois, manas, a realização das mulheres e a sua libertação deles. **A liberdade hoje, manas, é a persistência do riso de quem aguentá-lo pode sem esgar.** Deixai os pequeninos matar-se uns aos outros na prisão dos ventres.

(Barreno/Horta/Costa 2010: 273; meus negritos)

Glosa 1. Num texto de sete parágrafos, *“Primeira carta última e provavelmente muito comprida e sem nexos (cont.)”*, o mote escolhido pelas organizadoras do Colóquio Internacional *Novas Cartas, Novas Cartografias: Re-Configurando Diferenças no Mundo Globalizado*, Ana Luísa Amaral, Fernanda Henriques e Marinela Freitas, está no quarto. O

sétimo parágrafo, uma frase com mais espaço branco na página, linha que mais parece uma finda, resume a história, questionando-lhe a moral. Em síntese, no começo se diz “Eu queria hoje louvar a solidão mas com sossego”, para, no final, considerar-se: “Nunca se louva a solidão com sossego” (Barreno/Horta/Costa 2010: 272-3). Moral posta em questão, para o destino da “Carta” (a ser lida toda) interessa entender o sentido de liberdade humana desejada entre o louvor do riso privado e o escárnio da servidão pública. Ou seja: a declaração de quem, sem julgamento nem condenação, em gesto de discurso à maneira socrática, em paz consigo mesmo, faz o elogio da nobreza do riso, e se escarnece da servidão humana de quem tanto se abaixa que do cu que cheira ou lambe o seu aparece e, de oferecido, enrabado, empalado, humilhação padece. A imagem do riso gozoso da vileza em prisões baixas de ventre há muito atada, camonianamente reza o mote dado, há de ser glosada na interlocução entre os parágrafos. Neles, chama-se a atenção das “manas” destinatárias para as implicações, não tirânicas, porém, em termos de guerra dos sexos, entre a luta de classes (os seus fundamentos no sistema jurídico, político e social), a luta contra a violência de gênero (a sua formação perversa na educação doméstica, escolar e religiosa) e a reivindicação de pertença a um trabalho independente, o artístico, cuja mão sabedora de escrita de “gente de artes e letras” assina identidade própria, “sem esgar”. Em forma de oração, a “Carta”, cuja retórica, ou estilo, desperta uma curiosa, talvez despicienda, suspeita de autoria, endereça às “manas” os princípios da educação sexual pelo demônio do riso, de Gil Vicente (Autor, autos e personagens mencionados) a, por exemplo, Baudelaire (Autor de “Da essência do riso”). Se no gênero cômico a relação de ordem cultural entre a mulher e o riso ainda carece de explicação, no espaço desejante da “Carta” adivinha-se nessa relação a figura de um corpo oscilante, em estado de suspensão entre o bem (a paixão pela liberdade pública) e o belo (a busca da felicidade privada). Noutras palavras: entre a necessidade vivida e a liberdade sonhada, assiste-se à gestação de um ventre livre. Uma espécie diferente em trabalho de parto. Nas *Novas Cartas Portuguesas* a boa nova do seu nascimento se anuncia.

Glosa 2. Voltas ao mote dão, a seguir, desenvolvimento a estas considerações, com nexos

entre as Obras de uma das “Três Marias” (Autora do título desta comunicação, em sintonia com Mallarmé) e a de Hannah Arendt (Autora de *Sobre a Revolução*).

II.

a) Primeira Volta ao primeiro e ao segundo parágrafos da “Carta”, em que a citação da “Prosa 134”, de *Da Rosa Fixa*, 1978, de Maria Velho da Costa, uma das “Três Marias” das *Novas Cartas Portuguesas* (1972), favorece a compreensão do elogio do riso. Isto é: o entendimento de que a necessidade extrema de matar o superior numa luta de classes ou a de matar o cônjuge numa luta contra a violência de gêneros, ambas as mortes sentenciadas por dogmas revolucionários de “dizer como” se levanta a liberdade pública ou a felicidade privada, não é o que importa quando se persevera na sábia, saborosa e já antiga prática do riso; o riso pendular, isento, porque o que revoluciona não é a fixação num ou noutro extremo, mas sim o que se apre(e)nde da mudança das coisas (dos corpos) e da vontade humana na travessia, no ritmo de passagem do tempo em concerto no espaço. Cito, pois, a “Prosa 134”, de *Da Rosa Fixa*, 1978, de Maria Velho da Costa:

134. DA LIBERDADE. É a graça ou a desgraça do outro, não, o excesso de poder ou a desgraça do outro que comandarão o isento exercício pendular do riso à compaixão total – a liberdade humana. (Costa 1978: 164)

b) Segunda Volta ao primeiro parágrafo e ao segundo, sobretudo, da “Carta”, em que há perguntas, cito, “Mas quem se ri se não se sabe único, preferido, quem se basta e nisso persevera, quantos conhecem ao menos umas horas esta glória de ninguém ter ou carecer a suste-nos pela mão e no entanto andarmos, como a escrita anda, como anda o corpo que a mão sabedora sustenta, a mão própria – quantas mulheres, quantos homens se deleitaram já do que podem fazer unicamente, somente? Quantas mulheres?” (Barreno/Horta/Costa 2010: 272). Volta, repito, em que as perguntas transcritas e que acabo de ler encontram na “Prosa 135”, estrategicamente ao lado da anteriormente lida, resposta que mais uma vez desloca a tensão entre a luta de classes e a luta de gêneros para uma zona de limites mais problemáticos e, logo, mais polêmicos, pois implica o louvor da subjetividade da mulher

artista, escritora, já agora em português de Senhora, mais douda de si, consciente (“Nós somos para ser por quem eles nos tomam para ser”)¹, e que se diz “Mariana pecante”, como o diabo vicentino gosta, e, com as “manas”, se tem “em surdo desavindo”. Cito, pois, a “Prosa 135”, de *Da Rosa Fixa*, 1978, de Maria Velho da Costa, em que os “seus dentes” são deles e delas, “dentaduras duplas” (CDA):

135. Carece que as mulheres devolvam pois à espécie a argúcia dos seus dentes, a exposição da hostilidade maleável deste primata – o sorriso – onde os grandes caninos da preensão retrocedem. (Costa 1978: 165)

c) Leitura do parágrafo terceiro da “Carta”: “E muitas e muitos serão chamados à liberdade e poucas e poucos serão escolhidos a esta maldição dela que é ter a palavra gostosa, o coração curioso e airado e o pé ligeiro (que às vezes lá se empala a melhor pata)” (Barreno/Horta/Costa 2010: 273). Lido o parágrafo sobre os eleitos e as eleitas, o seu conteúdo encontra nas reflexões de Hannah Arendt, em *On Revolution* (1963), *Sobre a Revolução* (edição brasileira, 1988), importante matéria para discussão do texto até aqui em curso. Cito a teórica política alemã, no livro em que, *grosso modo*, expõe o seu modo de compreender a diferença entre a Revolução Francesa, cujo sonho era a libertação da humanidade, e a Revolução Americana, que sonhava a fundação da liberdade:

Sem dúvida essa paixão pela liberdade em si, pelo simples “prazer de poder falar, agir, respirar” (Tocqueville), só pode existir onde os homens já são livres, no sentido de que já não pertencem a um senhor. E o problema é que essa paixão pela liberdade pública ou política pode ser facilmente confundida com o profundo ódio aos senhores, talvez muito mais veemente, mas essencialmente estéril em termos políticos, e com o anseio dos oprimidos pela libertação. Esse ódio, sem dúvida, é tão antigo quanto a história documentada, e provavelmente até anterior; mesmo assim, ele nunca resultou em revolução, porque é incapaz sequer de captar, e quanto mais entender, a ideia central da revolução, que é a fundação da liberdade, isto é, a fundação de um corpo político que garante o espaço onde a liberdade pode aparecer. (Arendt 2013: 169-170)

d) Primeira e única Volta ao Mote a ser glosado por sugestão das Organizadoras do Colóquio: “Não preguemos, pois, manas, a realização das mulheres e a sua libertação

deles. A liberdade hoje, manas, é a persistência do riso de quem aguentá-lo pode sem esgar. Deixai os pequeninos matar-se uns aos outros na prisão dos ventres.” Em seu desenvolvimento, a pergunta, já transcrita “– quantas mulheres, quantos homens se deleitaram já do que podem fazer unicamente, somente? Quantas mulheres?” –, pode ter resposta visceral, intestina, escatológica, em outro texto de uma das “Três Marias”. “Quantas mulheres?”. Uma, a “Mulher”, por exemplo. Em cena de *Lúcialima*, romance de Maria Velho da Costa, 1983, a educação de Maria Eugénia, Eugénia, Gena, a “Mulher” (na narrativa, como o “Homem”, a “Criança”, uma “categoria social”, segundo Silvina Rodrigues Lopes), quando pequenina, sob as ordens da mãe, a vigilância das freiras e apuramento próprio, goza – numa interação entre falar e comer, entre o alimento e o excremento – da necessidade de obrar o corpo seu em exercício de liberdade, em intimidade consigo mesma, em circunstância literal e metaforicamente privada. Como já disse, cena de romance em que se dá assistência à gestação de um ventre livre, um “primata” diferente em trabalho de parto “sem esgar”, um sorriso deleitoso contra a vileza em prisões baixas de ventre há muito atada. Na cena a ser lida, num contexto em que se anuncia a manhã do 25 de Abril, as *Novas Cartas Portuguesas* sabem muito bem a boa nova que esse nascimento principia: não se trata nem da neutralização do Outro pela superioridade do masculino nem do complexo de castração feminino (freudiano) pela falta do falo, nem pênis nem vagina, louva-se, sim, o assentamento do cu em lugar próprio, limpo, mesmo que institucionalmente sujo, educação contrária à criação “soez” para a sujeição ao empalamento por escolha própria ou superior. Cu, orifício comum tanto ao homem como à mulher, independentemente do uso que dele se faça, sem exclusão dos intercursos sexuais. O que aguça a curiosidade pelo subtítulo do livro, pouco ou nunca referido – “(Ou de como Maina Mendes pôs ambas as mãos sobre o corpo e deu um pontapé no cu dos outros legítimos superiores)” –, no qual se entrecruzam títulos de romances de Maria Velho da Costa, *Maina Mendes* (1969), e de Maria Teresa Horta, *Ambas as Mãos sobre o Corpo* (1970). Cito a cena na segunda seção de *Lúcialima*, “Manhã”:

Eugénia fecha o trinco, limpa cuidadosamente o assento, como a mãe exige, e senta-se em cima das mãos, o que é apuramento seu. As paredes de azulejo branco estão cheias de filamentos secos de

muco do nariz e na intersecção de duas placas está colado um grumo de massa homogénea e parda, pastilha elástica. Eugénia inclina-se para a diante e contrai os músculos do ventre e da cara. Não tem que esperar muito. Com um pequeno frémito de prazer, enquanto procura não fazer ruído de gases, o esfíncter abre-se suave e contrai-se de novo, deixando tombar pelo declive da sanita uma massa castanha, bem moldada, que Eugénia se levanta para ver e gozar o cheiro. Depois, como lhe ensinaram, inclina-se e limpa-se muito bem, passando o ânus em todos os sentidos até o papel já não trazer sinal das fezes. Abre a porta e lava as mãos, que avermelham, na água muito fria. A freira, enquanto lhe passa um toalhete húmido, grita para dentro de um dos cubículos,

Despacha-te Laura, já estás aí há muito tempo. (Costa 1983: 54-55)

É verdade: “Nunca se louva a solidão com sossego”.

e) Última Volta, à maneira de Finda, em que as dúvidas, objetivamente perguntas, expressas no final da “Carta”, sobre o bom sucesso de servir a justiça e a liberdade em nome do “jogo singular”, do “desejo da diferença”, por um lado, e, por outro, a certeza de que “[o] amor da transgressão integrável, essa é a verdade dessa história e artes” e de que a beleza “não é aceitar, é ter suspenso”, seja à mesa, seja na sanita, mantêm em ação no espaço desejante da “Carta” a figura de um corpo oscilante, em estado de suspensão entre o bem (a paixão pela liberdade pública) e o belo (a busca da felicidade privada). Como “o isento exercício pendular do riso à compaixão total – a liberdade humana”. Ou como diz Hannah Arendt, em *Sobre a Revolução*: “O desejo oculto dos pobres não é “A cada um de acordo com suas necessidades”, e sim “A cada um de acordo com seus desejos”. E, ainda que seja verdade que a liberdade chega apenas para aqueles cujas necessidades foram atendidas, também é verdade que ela foge daqueles que se dedicam a viver para os seus desejos. (...) Num nível mais elaborado, podemos considerar esse desaparecimento do “gosto pela liberdade política” como o retraimento do indivíduo para um “domínio interior da consciência”, em que ele encontra a única “região apropriada da liberdade humana”; dessa região, como que numa fortaleza em desintegração, o indivíduo, tendo-se imposto ao cidadão, agora irá se defender contra uma sociedade que, por sua vez, “se impõe à individualidade”. Foi este processo, mais do que as revoluções, que determinou a fisionomia do século XIX, como

ainda determina parcialmente a do século XX” (Arendt 2013: 186-187).

Nota

¹ “Pois, embora tenham os mesmos direitos jurídicos dos homens, as mulheres de hoje não têm o mesmo valor perante a sociedade.” Cito Hannah Arendt num, a meu ver, raro texto “Sobre a Emancipação das Mulheres” (Arendt 2008: 93).

Bibliografia

Arendt, Hannah (2013), *Sobre a Revolução*, São Paulo, Companhia das Letras.

-- (2008), *Compreender: Formação, Exílio e Totalitarismo. Ensaios (1930-1954)*, São Paulo, Companhia das Letras/ Belo Horizonte, Editora UFMG, 2008.

Barreno, Maria Isabel/Maria Teresa Horta/Maria Velho da Costa (2010), *Novas Cartas Portuguesas*. Edição Anotada. Org. Ana Luísa Amaral, Lisboa, Dom Quixote [1972].

Costa, Maria Velho da (1983), *Lúcialima*, Lisboa, O Jornal.

-- (1978), *Da Rosa Fixa*, Lisboa, Moraes.

Lopes, Silvina Rodrigues (1984), “Recensão crítica a *Lúcialima*, de Maria Velho da Costa”, *Colóquio/Letras* 79, maio, 97-98.

Jorge Fernandes da Silveira é Emérito Professor Titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ e Pesquisador 1A do CNPq. É doutor em Literatura Portuguesa (com uma tese sobre *Poesia 61*, 1982) e mestre em Literatura Portuguesa (com uma dissertação sobre Fiama Hasse Pais Brandão, 1974). Foi professor visitante nas Universidades de Brown (onde se pós-doutorou), Santa Bárbara, Califórnia, Minnesota e Salamanca. De entre as suas publicações, destaque-se: *Portugal Maio de Poesia 61* (Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986); *Cesário Verde, Todos os Poemas* (7Letras, 1995); *Verso com verso* (Angelus Novus, 2003); *O Beijo Partido – Uma Leitura de O Beijo Dado Mais Tarde: Introdução a Obra de Llansol* (Bruxedo, 2004); *Lapide & Versão: O Texto Epigráfico de Fiama Hasse Pais Brandão* (Bruxedo, 2006); *O Tejo e um Rio Controverso: António José Saraiva Contra Luís Vaz de Camões* (7Letras, 2008); *19 Recantos e Outros Poemas de Luiza Neto Jorge* (com Mauricio Matos, 7Letras, 2008); *A Moeda do Tempo e Outros Poemas de Gastão Cruz* (Língua Geral, 2009); *Poesia 61 Hoje* (com Luis Maffei, Oficina Raquel, 2011); *Escrever a Casa Portuguesa* (Org, UFMG, 1999). Publicou ainda *Dez Campos* (poemas, Oficina Raquel, 2011) e *O Comedor de Salamanca* (prosas e versos, Oficina Raquel, 2012).